

Cláudia Otávia: elogios e críticas de uma mulher*

Claudia Octavia: praise and criticism from a woman

Fábio Faversoni**

Maria Luisa Miranda Costa***

Resumo: Otávia é apresentada pelas fontes de uma maneira paradoxal. Por um lado, é vista como uma esposa ideal por ser frágil e não desempenhar um papel político relevante na casa imperial. Por outro lado, por ser frágil, não ocupa adequadamente a posição que deveria ser preenchida pela esposa do imperador e enfraquece a casa imperial. Neste artigo, avaliamos esse paradoxo e examinamos se as fontes descreveram Otávia e seus atos ou se as informações devem ser consideradas como a composição de um retrato que é desenhado em interação com os outros membros da casa imperial.

Abstract: Octavia is paradoxically presented by the sources. On the one hand, she is seen as an ideal wife because she is weak and has no relevant political role in the imperial house. On the other hand, being weak, she does not occupy properly the position that should be filled by the emperor's wife and weakens the imperial house. This article evaluates this paradox and examines whether the sources described Octavia and her acts or that information should be taken as the composition of a portrait that is drawn in interaction with the other members of the imperial household.

Palavras-chave:

Otávia.
Domus Caesaris.
Nero.
Agripina Menor.
Imperatriz romana.

Keywords:

Octavia.
Domus Caesaris.
Nero.
Agrippina Minor.
Roman empress.

Recebido em: 19/12/2023
Aprovado em: 20/03/2024

* O presente artigo foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

** Professor titular de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto. Bacharel em História, mestre e doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Leir-Ufop.

*** Mestranda e licenciada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto e em Pedagogia pela Unopar.

Mulheres na Casa Imperial: o papel decisivo da transição da República para o Império

A transição da República para o Império gerou uma grande diversidade de interpretações, mas um ponto em comum entre elas é que a casa imperial passa a ter um papel fundamental na gestão do Estado. Ainda que formalmente a casa do imperador se mantivesse como a casa de um privado, uma infinidade de assuntos públicos é decidida em seu interior e o pessoal responsável por sua gestão passa a deter grande poder político. Isso vale inclusive para pessoas que não têm cidadania, especialmente os escravos e libertos que compunham a família *Caesaris* (Joly, 2007) e as mulheres, que não podem exercer a maior parte das funções públicas. As esposas de imperadores terão grande importância nesse novo contexto,¹ pois cabia a elas exercerem a administração da casa e o controle da escravaria doméstica (Mordine, 2013, p. 108; Kleiner-Matheson, 1996, p. 11).

Boatwright (2021, p. 2) destaca que as mulheres eram submetidas a diversas normas de gênero em Roma, ou seja, sendo elas, esposas, mães, irmãs e filhas estavam sempre associadas ao imperador. Nesse sentido, o termo “mulheres imperiais” detém a ampliação dessas configurações de mulheres presentes na *domus*. Vale ressaltar que estas não detinham fundamentalmente o poder legítimo próprio, seja de forma individual ou coletiva. Entretanto, as mulheres imperiais tinham acesso aos recursos privilegiados do Império. Sua participação em decisões de grande importância permanece como uma possibilidade intrigante, sugerindo uma influência às vezes mais e às vezes menos silenciosa nos bastidores do governo imperial. Assim, ao aprofundar a análise dessas mulheres, obtém-se uma visão mais nítida da imagem e do funcionamento do principado romano, destacando também as complexidades dos papéis de gênero na sociedade romana, permitindo avançar na perspectiva do que Violaine Sebillotte Cuchet (2019) chamou de uma “história mista”.

As vidas e experiências das mulheres imperiais na Roma antiga foram entrelaçadas com os costumes e leis que delineavam os limites de seu papel na sociedade (Azevedo, 2017). Elas navegavam pelas complexidades das expectativas sociais e das normas de gênero, enquanto o novo regime em transformação introduzia desafios e oportunidades. Além disso, as experiências dessas mulheres eram profundamente influenciadas pela interação entre sua própria personalidade, saúde e sorte individual (Boatwright, 2021, p. 3). Em um ambiente onde o poder muitas vezes se mostrava efêmero e as reviravoltas

¹ Veja Treggiari (1996, p. 125): “A atividade das mulheres da classe alta parece ter sido ampliada nos anos que testemunharam a transição da República para o Principado.”

políticas eram comuns, a vida das mulheres imperiais refletia uma trama de circunstâncias e decisões que moldavam seu destino de maneira única.

Além disso, não apenas as esposas, mas também o conjunto das mulheres aptas a realizar o matrimônio e gerar descendência imperial em aliança com outras famílias imperiais, assumiram uma importância significativa. A supervisão rigorosa exercida por Augusto sobre suas filhas, ou por Caio Calígula sobre suas irmãs, evidenciou claramente esse novo papel das mulheres como geradoras de potenciais herdeiros. Nesse contexto, as mulheres imperiais não eram apenas esposas e mães, mas desempenhavam um papel estratégico na manutenção e perpetuação da dinastia, contribuindo para a continuidade do governo imperial ao assegurar uma linhagem diretamente ligada à casa reinante (Azevedo, 2017).

Esse cenário em que as mulheres detêm poder e atuam de forma ativa no exercício do poder imperial, inclusive na definição de quem será o imperador, encontra um momento importante já no governo de Augusto com o papel ativo de Livia na sucessão com seu filho Tibério, mas ainda de forma mais aguda nos governos de Cláudio e Nero, bem como na transição entre esses dois imperadores. Nesse contexto, os nomes de Messalina e Agripina se tornaram proverbiais e modelos diversos, mas igualmente negativos nas fontes antigas e na tradição interpretativa moderna que, marcada por diferentes formas de machismo, manteve-se não só condenando, mas temendo mulheres que buscassem autonomia e realização pessoal.

Na perspectiva adotada por Mary Beard (2023, p. 66), ao assumir uma posição de poder, as mulheres são vistas como se estivessem assumindo posse de algo que não lhe pertence. As mulheres, nessas condições, não se tornam um modelo a ser seguido, pelo contrário, Beard assevera que a grande maioria é representada como transgressoras capazes de instigar desordem e destruição, ao invés de possuir o poder de forma legítima. Tal cenário não se encontra distante do atual, diversas comparações de mulheres em posições proeminentes, como Hillary Clinton, Dilma Rousseff, entre outras, são realizadas em contraponto com figuras mitológicas, como a Medusa. A decapitação simbólica da Medusa configura um elemento cultural que representa a resistência ao poder feminino (Beard, 2023, p. 80).

Beard (2023, p. 15) realiza um exame minucioso da teoria do patriarcado e salienta que a subordinação das mulheres está associada à "necessidade" do domínio masculino. Esta dominação pode ser observada a partir do silenciamento das mulheres, para exemplificar esta análise, Beard utiliza uma passagem da *Odisseia*, de Homero, o silenciamento de Penélope promovido pelo seu próprio filho, Telêmaco. Nesse sentido, é necessário entender que a luta pela aceitação do poder exercido por mulheres não é

apenas uma questão do passado, mas também do presente. Além disso, é necessário desafiar os estereótipos de gênero que perpetuam a visão desta dominação masculina e do silenciamento das mulheres (Azevedo, 2017).

Com a passagem da República para o Império, a casa imperial assume centralidade e o novo papel a ser desempenhado pela esposa do imperador precisa ser definido. Assim como o lugar do imperador foi sendo criado pelas experiências que se sucedem a partir de Augusto, o mesmo pode ser dito sobre as mulheres da casa imperial. Nesse contexto, Otávia é uma personagem interessante para se refletir sobre o papel das mulheres nessa esfera, pois, ainda que seja conhecida por suas virtudes, não produziu estabilidade para a casa reinante.

Entre modelos e virtudes: as representações de Cláudia Otávia

Otávia nasceu provavelmente em 40 d.C., filha do imperador Cláudio e Messalina (Tácito, *Annales*, 11, 34, 3). Seu pai teve ao todo quatro esposas. Urgulanila foi a primeira e deste casamento Cláudio teve seu filho Druso, que morreu muito jovem, com apenas oito anos, e Cláudia, nascida após o divórcio, que foi considerada ilegítima e, conseqüentemente, não foi acolhida na casa de Cláudio (Suetônio, *Claudius*, 27, 3). A união seguinte foi com Élia Petina, resultando no nascimento de Antônia (Suet., *Claud.*, 27, 1-2). Otávia é fruto do terceiro casamento de Cláudio e, pouco tempo após seu nascimento, Messalina deu à luz a Britânico (Suet., *Claud.*, 27, 1-2). Por fim, temos Agripina, a quarta esposa e mãe de Nero, futuro imperador e marido de Otávia.

A presença de Messalina na casa imperial é avaliada como desastrosa pelas fontes por conta de sua libido descontrolada e falta de cuidado crescente com sua imagem pública. A apresentação que Tácito faz de Messalina é bem clara nesse sentido. O autor enfatiza a decadência moral e a audácia de Messalina, que, insatisfeita com a simplicidade de seus adultérios, é influenciada pelo senador Caio Sílio, seu último amante, a encerrar a dissimulação e abraçar perigos ainda mais audaciosos (Tac., *Ann.*, 11, 26, 1-3). Messalina foi executada a mando de Cláudio após denúncias de conspiração e seu cadáver foi entregue à sua mãe, Domícia Lépidia. O imperador não demonstrou nenhuma comoção com a morte dela (Tac., *Ann.*, 11, 38, 2-3) e o seu legado foi apagado pelo Senado ao votar que o nome e a imagem de Messalina fossem removidos de lugares públicos e privados (Tac., *Ann.*, 11, 38, 3).

Com a morte de Messalina, logo começaram a surgir rumores para designar uma nova esposa ideal para Cláudio (Tac., *Ann.*, 12, 1). A disputa se concentrou entre Lolia Paulina, neta do consular M. Lólio, e Agripina, descendente de Germânico (Tac.,

Ann., 12, 1, 2). Esse episódio não só ilustra a importância do casamento na estrutura social romana, mas também evidencia as interconexões entre os interesses individuais, familiares e dinásticos na formação de alianças matrimoniais. Durante o consulado de C. Pompeu e Q. Verânio, o compromisso matrimonial entre Cláudio e Agripina estava em vias de se concretizar. No entanto, não ousavam realizar a celebração formal devido ao caráter incestuoso de tal relação, já que Agripina era filha do irmão de Cláudio e, portanto, sua sobrinha (*Tac., Ann.*, 12, 5, 2). Era necessário, portanto, recorrer ao Senado para obter tal aprovação, dissipando qualquer suspeição de que o casamento obedecesse a um capricho pessoal. Com a aprovação senatorial, ficava patente o interesse público, relacionando o casamento com a necessária estabilização da casa imperial para a ordem social como um todo. Em 49 d.C., Agripina foi identificada como uma mulher digna e ideal para a linhagem imperial e, conseqüentemente, a união é declarada.

O conjunto familiar é representado em uma dicracma de prata não datada,² cunhada na distante Cesarea da Capadócia (Figura 1).³ No verso, nota-se o busto de Messalina com a legenda *Messalina Augusti* (incorretamente identificada como Augusta no RIC). A legenda

Figura 1- Dicracma de prata, cunhada em Cesarea da Capadócia, não datada



Fonte: RIC *Claudius* 124; BMC 242.

² Barret (1996, p. 117) data esta moeda em 46 d.C. e a considera como "uma imitação do sestércio 'três irmãs' de Calígula".

³ RIC² *Claudius*, 124. Outros exemplos deste tipo: RPC I 3627 (=RIC² Cl. 124; BMC 242), 3656 (Cesaréia); 4842 (Paneas). Cf. RPC I, 5113-5116; 5131-5132; 5145-5146; 5162-5165 (crianças na mão de Messalina) e RPC I, 1255 (Pátras); 5135 (Alexandria) para o tipo com crianças e cornucópias; RPC I 1033 (Creta); bustos julgados de Antonia e Otávia. De acordo com Rose (1997, p. 41): "Ao todo, Messalina foi destaque na cunhagem provincial de nove cidades do leste do Mediterrâneo - geralmente com seu marido ou filhos".

a apresenta em sua condição de (*uxor Augusti*). O reverso, por sua vez, traz os filhos de Cláudio e Messalina. Ao centro, temos Britânico e à esquerda Otávia. À direita, portando uma cornucópia, temos Antonia, filha de Cláudio e Elia Petina. As figuras são acompanhadas por legendas que permitem sua perfeita identificação. A moeda apresenta claramente a unidade da casa de Cláudio, que não é figurado nem nomeado, mas articula a todos. Otávia, antes de ser uma pessoa, sempre foi parte de um conjunto mais amplo, a casa imperial. Em 54, Cláudio teve a presença de todos os seus filhos em sua casa (Tac., *Ann.*, 12, 68, 2-3). Assim, essa proximidade das crianças com o imperador servia como uma forma de prepará-las para a vida política. Esta atmosfera favorecia a presença das mulheres imperiais em eventos decisivos (Boatwright, 2021, p. 40). Dessa forma, a influência das mulheres da família dependia da sua ligação com o imperador e a casa imperial.

Otávia foi prometida em casamento a Júlio Silano, tataraneto de Augusto, membro de uma importante família consular (Tac., *Ann.*, 12, 3; Suet., *Claud.*, 27, 2; Dio., 60, 5, 7). Agripina, antes mesmo de se tornar madrasta de Otávia, atuou para incriminar Júlio Silano (Tac., *Ann.*, 12, 3-4). O noivado foi desfeito por Cláudio e Otávia foi prometida para o filho de Agripina e futuro enteado e filho adotivo de Cláudio, Nero (Tac., *Ann.*, 12, 9). Esse novo acordo matrimonial fazia com que a sucessão se fechasse na casa de Cláudio. Nero e Otávia se casaram em 53 d.C. (Tac., *Ann.*, 12, 58; Suet., *Ner.*, 7, 2). Ele tinha quinze anos e ela, treze. O casamento arranjado nunca envolveu qualquer afeto entre os dois. Nero dedicou sua atenção às amantes, tendo se envolvido com uma liberta chamada Acte logo no início de seu casamento, em uma relação que durou toda sua vida. Depois, apaixonou-se por Popeia Sabina, que era casada com seu amigo Oto. Nero tratará de afastar o amigo e ele próprio vai se divorciar de Otávia em um processo bastante conturbado. Após ser exilada, Otávia foi assassinada, em junho de 62 d.C., a mando de Nero, que foi instigado por sua nova esposa, Popeia Sabina (Tac., *Ann.*, 14, 63-64; Suet., *Ner.*, 35, 2).

Agripina se torna uma aliada de Otávia. Ela tinha o perfil que lhe interessava. Otávia era uma nulidade. Com isso, Agripina tinha só para si o papel de mulher da casa imperial,⁴ mantendo o que Tácito classificou como "*quasi uirile seruitium*" (Tac., *Ann.*, 12, 8). Algo que evidencia essa diferente visibilidade e poder entre a mãe e a primeira esposa de Nero: é Agripina e não Otávia quem aparece nas moedas. Para um exemplo claro disso, basta mencionar que Agripina figura como uma co-regente em várias cunhagens (Figura 2), espaço que, na tradição numismática, mais comumente é dedicado à esposa.

⁴ Para Barret (1996, p. 168), o casamento entre Nero e Otávia fortalece o projeto pessoal de Agripina: "Agripina estava comprometida com o casamento de Nero e Otávia por razões mais do que sentimentais. Ele representava a realização de seus objetivos políticos e a união final das famílias Júlia e Claudiana, que ela simbolizava em sua própria pessoa".

Figura 2- Denário de prata, 54



Fonte: RIC 2 Nero 1; BMC 3.

A existência de uma esposa extremamente fraca era a pré-condição para que a Agripina desfrutasse da sua posição proeminente. E Agripina se alia a Otávia⁵ para que nenhuma mulher ocupe seu lugar. Por essa razão, ela se opõe aos amores de Nero com Acte e, posteriormente, ainda mais, decididamente de sua aproximação com Popeia.⁶ Os boatos de que ela pretendia ocupar a posição de amante de Nero se justificam por essa razão política no interior da casa, ainda que, nas fontes, tal postura seja apresentada como um capricho feminino, um ciúme despropositado (Suet., *Ner.*, 28, 5-6; Tac., *Ann.*, 14, 2). No entanto, como indicamos, essa aproximação pode ser mais bem compreendida como um projeto de poder movido por Agripina.

Ao longo dos anos, o papel das mulheres imperiais consistia em serem exemplos de virtudes femininas, com destaque para a deferência, obediência e apoio à família (Boatwright, 2021, p. 9). Essa expectativa estava associada à crença de que a conduta exemplar das mulheres imperiais contribuiria para a estabilidade do governo, ao criar uma imagem unificada da família imperial perante o povo romano. Caroline Morato (2019, p. 86) realizou uma análise sobre a construção da fama de Lívia Drusila e Agripina Maior. Tal investigação permite compreender o funcionamento dos *exempla* diante destas figuras, sobretudo no tocante à variabilidade ética relacionada a essas mulheres. Morato ressalta que esta variabilidade situacional não segue uma fórmula prescritiva para as mulheres,

⁵ Barret (1996, p. 129) destaca que “certamente as evidências indicam que as relações entre Agripina e Otávia, filha de Cláudio, eram sempre próximas e cordiais”, mas acrescenta, na página 173, que “tal relacionamento poderia ter sido político apenas no sentido mais amplo”. Eu diria mais: elas eram aliadas no ambiente doméstico de Nero.

⁶ Para uma análise do papel de Popeia nas fontes antigas, especialmente na narrativa taciteana, consulte Champlin (2003, p. 103-107).

mas depende das circunstâncias específicas de uma mulher e se ela deve ou não fazer algo, ou dizer algo, em determinadas condições ou para uma pessoa específica.

Nesse sentido, a exigência de complacência por parte das mulheres imperiais reflete as normas de gênero rigidamente definidas na sociedade romana. O papel esperado dessas mulheres era servir como apoio ao imperador, mantendo-se nos bastidores e não desafiando as estruturas de poder estabelecidas. Nessa via de compreensão, as qualidades da mulher são fruto das qualidades de seu marido, assim como a do escravo seriam de seu senhor (Joly, 2004).⁷ Sarah Azevedo (2012, p. 50) evidencia que há um método de contraste entre as personagens femininas para caracterizar outras personagens, sobretudo em Tácito. Na maioria das vezes este mecanismo de contraste é utilizado para determinar características do comportamento do imperador ao qual elas estão associadas, evidenciando vícios ou virtudes da personagem masculina.

A exemplaridade do papel das mulheres na casa imperial

O *exemplum* pode ser um instrumento útil para compreender como essas mulheres são representadas nas fontes e os critérios tanto para avaliação de sua atuação quanto para a construção de uma memória sobre seus feitos. Reconhecidamente, há um papel na comunicação da mensagem ética do exemplo, para além de definir o papel da utilidade da virtude (Langlands, 2011, p. 89). A utilização de diversos exemplos dentro de uma categoria específica de virtudes permite uma visão multifacetada. Isso não apenas ilustra a diversidade de situações em que uma virtude pode ser aplicada, mas também ajuda a estabelecer uma compreensão mais sofisticada dos contornos e alcance das categorias morais (Langlands, 2011, p. 112). Assim, deve-se levar em consideração o contexto para avaliar os atos morais ou tomar decisões éticas. As regras morais não são rígidas e universais, mas sim flexíveis, sujeitas a exceções e modificações conforme as circunstâncias. Essa abordagem, na perspectiva de Langlands (2011, p. 101) e Morato (2019), que acompanhamos, é conhecida como ética situacional ou contextualismo moral. Na nossa perspectiva, a variabilidade situacional implica no processo de composição de retratos e também envolvendo diálogo entre os passados e o presente, sendo tal processo tratado por nós como *allelopoiesis*.⁸

Nesse viés, as mulheres imperiais que buscavam mais influência ou autonomia eram muitas vezes retratadas como transgressoras, questionando a autoridade estabelecida e,

⁷ Joly (2007, p. 105), analisando autores estoicos, conclui que, na perspectiva dessa escola (que é a mesma abraçada por Pseudo-Sêneca, autor de *Octavia*), "os escravos são representados como extensões do corpo senhorial."

⁸ Para saber mais sobre a *allelopoiesis*, recomenda-se a leitura de Favarsani (2020).

por extensão, ameaçando a própria estabilidade do Império. Messalina, Agripina, Popeia, entre outras mulheres imperiais são destacadas por autores antigos como mulheres audaciosas e arrogantes, ultrapassando fronteiras estabelecidas e intervindo nos assuntos dos homens (Boatwright, 2021, p. 41; Azevedo, 2012). Messalina teria participado de julgamentos internos e também estaria associada ao exílio de Sêneca e da irmã de Calígula, Júlia Livila, em 41 d.C. (Suet., *Claud.*, 29, 1). Agripina, por sua vez, é apresentada, nas fontes, como notória por sua avareza, ciúmes e crueldade, chegando a condenar várias pessoas (Tac., *Ann.*, 12, 22–23). Ela foi além e tentou ocupar assentos no Senado para assumir posições de destaque em reuniões públicas (Tac., *Ann.*, 12, 8). Por fim, Tácito apresenta Popeia como uma influência marcante sobre Nero nos eventos que levaram à morte de Agripina e Otávia (Tac., *Ann.*, 14, 1). A narrativa apresenta Popeia desiludida com a falta de perspectiva de um casamento com Nero, que dependia do divórcio de Otávia, algo improvável enquanto Agripina estivesse viva. Frente a esse quadro, em que encontrou mulheres em posições de poder que atrapalhavam seus planos, Popeia adotou uma postura crítica e censuradora em relação ao imperador, questionando as consequências que haveria para seu governo e memória não realizar suas vontades, mas as de Agripina (Tac. *Ann.*, 14, 1; Suet., *Ner.*, 35). Resta subjacente, nessa narrativa, uma crítica a Nero e à composição da sua casa imperial, pois, ao deixar de fazer o que queriam Agripina e Otávia, que, neste ponto, como apontamos, estavam aliadas, passaria a fazer o que desejava Popeia – e seguiria cometendo um erro, que era fruto de sua fraqueza, mas também da ânsia por comando de diferentes mulheres frente a uma posição fraca também da imperatriz. Esse desequilíbrio que já existia na casa imperial se altera com Popeia e trará graves consequências. Popeia alimenta um descontentamento de Nero em relação à sua situação matrimonial e à presença de sua mãe, Agripina, como uma figura controladora em sua vida, buscando com que ele atue conforme seu interesse.

Otávia, por sua vez, não ocupava ativamente a posição que caberia à esposa de um imperador e isso gerava um espaço a ser preenchido. E esse espaço vazio ocasionou uma tempestade na casa imperial. Otávia era virtuosa, mas não era o modelo de mulher imperial. A virtude desmedida se faz vício. Mas seria Otávia tão frágil assim?

Entre a invisibilidade e a assertividade: desvendando o paradoxo de Cláudia Otávia

No cenário de conflitos por poder da casa imperial, emerge a figura paradoxal de Cláudia Otávia, uma mulher cuja narrativa histórica oscila entre a invisibilidade e a assertividade, desafiando os padrões de seu tempo nos dois extremos. Este artigo propõe desvendar as complexidades desse paradoxo que envolve Cláudia Otávia por meio

de fontes literárias. A tragédia *Octavia*, atribuída a Pseudo-Sêneca, oferece uma visão dramática da vida dessa personagem, que é apresentada como protagonista. Já os *Anais*, de Tácito, lançam luz sobre os eventos cruciais de sua época, ressaltando sua presença discreta, mas influente. Por sua vez, as biografias encontradas em *A Vida dos Doze Césares*, de Suetônio, proporcionam um conhecimento sobre o papel desempenhado por Cláudia Otávia na política romana e na esfera familiar. Tanto na obra histórica quanto nas biográficas, contudo, Otávia não tem o protagonismo que lhe é dado na tragédia.

A tragédia *Octavia* consiste em um drama histórico romano, conhecido como fábula *praetexta*. O nome é derivado da toga cerimonial (toga *praetexta*) utilizada pelos senadores e magistrados romanos (Boyle, 2016, p. x1iii; Kragelund, 2016, p. 8). A peça *Octavia* é um exemplo singular e completo que relata os “grandes feitos dos romanos” (*res gestae Romanorum*) (Kragelund, 2016, p. 8). A centralidade atribuída aos elementos romanos constitui um aspecto essencial nesta obra teatral, desde o nome do gênero, que não possui um termo grego semelhante, até elementos e rituais domésticos, como casamento e funerais (Kragelund, 2016, p. 133; 135). Vale ressaltar que a tragédia *Octavia* é a única *praetexta* completa do período imperial (Boyle, 2016, p. 1viii) e tal fato dificulta uma caracterização mais clara desse gênero literário em seu próprio contexto de produção. A misteriosa autoria e a imprecisão quanto à datação da peça dramática também constituem desafios significativos. Durante a Idade Média, o texto foi erroneamente associado a Sêneca, mas estudos modernos direcionam a autoria a um anônimo seguidor de Sêneca, conferindo-lhe o título de Pseudo-Sêneca (Coelho, 2019, p. 122). Quanto à datação, situar *Octávia* entre 69 e 70 d.C. é uma opção comum entre os especialistas, fundamentada em características estilísticas e referências intertextuais (Ferri, 2003, p. 5-6). Além disso, a trama é constituída de elementos mitológicos e vestígios não somente das tragédias de Sêneca, mas também de Sófocles e Eurípedes (Boyle, 2016, p. 1viii).

No tocante ao tema, nota-se a centralidade do episódio histórico do conturbado divórcio do imperador, Nero, e sua primeira esposa, Otávia, para estabelecer uma união com Popeia (Griffin, 2001, p. 100). A decisão de Nero de se divorciar de Otávia, descendente de Augusto e considerada um símbolo de legitimidade dinástica, em favor de Popeia, desencadeou uma crise política e moral. Este passo não apenas questionou a estabilidade do governo, mas também colocou em dúvida a continuidade da dinastia júlio-claudiana, estabelecida por Augusto. Ao longo do enredo, ocorrem terríveis reviravoltas, as quais Boyle foi cirúrgico ao rotular de “inversão da imagem do triunfo” (Kragelund, 2016: 139). A tragédia representa os eventos ocorridos durante apenas três dias do ano de 62 d.C., com centralidade no casamento de Nero e Popeia e os atos inicial e final dão ênfase ao sofrimento de Otávia (Boyle, 2016, p. 1ix).

Diante deste breve panorama da tragédia *Octavia*, convém apresentar elementos que permitam caracterizar o paradoxo da persona Otávia na tragédia, nos termos anunciados anteriormente. O paradoxo que indicamos se destaca pela assertividade de Otávia, mas também revela as nuances de uma personagem frágil, passiva e invisível em muitas passagens, ainda que protagonista. Centramos nossa análise em quatro momentos da vida de Otávia: a morte da sua mãe, Messalina; o assassinato de seu irmão Britânico; seu conturbado divórcio; e os caminhos que culminaram em sua morte. No prólogo do drama histórico, essa fragilidade é revelada por meio do episódio que marcou o início dos seus infortúnios, a morte da sua mãe, Messalina:

OTÁVIA

[...] Ó minha mãe, que sempre serás chorada por mim, / causa primeira de minhas dores, / ouve as tristes lamentações de tua filha, / se algum sentimento subsiste nas sombras! / Oxalá Cloto, com sua mão senil, tivesse rompido os fios de minha vida / antes que, chorando, eu visse tuas feridas / e teu rosto coberto de sangue hediondo! (*Oct.*, 10-17).⁹

Esta passagem possui um grande apelo emocional e declamatório, semelhante à estilística de Sêneca (Boyle, 2016, p. 100). As lamentações também aludem à execução de Messalina devido à sua conduta imoral (*Tac., Ann.*, 11, 37-38). Esse episódio foi considerado como o princípio dos percalços que marcam a vida e a morte de Otávia. Um evento similar ocorre na peça teatral de Eurípides, intitulada *Electra*, na qual Clitemnestra, mãe de *Electra*, também deu origem aos males de sua trajetória (Ferri, 2003, p. 126). Além disso, há certa semelhança com a tragédia *Fedra*, de Sêneca, diante das circunstâncias da relação entre mãe e filha (Boyle, 2016, p. 101). Dessa forma, evidencia-se que a tragédia *Octavia* possui diversas influências mitológicas que contribuem para a complexidade da narrativa. Esse trânsito intertextual intensifica a sensação de inevitabilidade do destino trágico. Nos versos (16-17), o dramaturgo explora a ausência de Otávia durante a morte de Messalina, que foi executada nos Jardins de Lúculo, mas não anula o seu sentimento de luto após o ocorrido (*Tac., Ann.*, 11, 37-8; Boyle, 2016, p. 101).

Outro episódio nefasto que se destaca na vida de Otávia é o assassinato de seu irmão, Britânico. Tácito (*Ann.*, 13, 16) descreve o assassinato de Britânico e expõe as reações de Agripina e Otávia:

Mas no rosto de Agripina, apesar de seu autocontrole, surgiu um lampejo de terror e angústia, pois era óbvio que ela estava tão completamente perdida quanto a irmã do príncipe, Otávia. Ela viu, na verdade, que sua última esperança havia sido

⁹ Todas as traduções de *Octavia* que utilizamos foram retiradas de Cardoso (2021). As traduções das outras fontes são de Favarsani para esse trabalho.

tomada – que o precedente para o matricídio havia sido estabelecido. Otávia, apesar da juventude e da inexperiência, aprendera a esconder suas mágoas, suas afeições, todas as suas emoções.

A reação de Otávia demonstra uma capacidade de dissimulação ímpar, contrastando com Agripina e indicando sua capacidade de ocultar emoções e intenções. Essa característica pode ser vista como uma estratégia de sobrevivência diante da volatilidade política nas casas imperiais romanas em que viveu. A comparação com Agripina destaca as diferenças em suas abordagens nas disputas de poder, sugerindo que, apesar de não ser tão assertiva quanto Agripina, Otávia possuía habilidades políticas sutis. Otávia, assim, não era incapaz de participar ativamente nos bastidores da casa imperial, adaptando-se às intrigas e desavenças da corte romana.

Britânico faleceu no ano de 55 d.C., por um suposto envenenamento ordenado por Nero (Tac., *Ann.*, 13, 15-17; Suet., *Ner.*, 33, 2-3; Dião Cássio, *Historia Romana*, 61, 7, 4). A incerteza quanto ao envenenamento de Britânico suscita dúvidas entre os historiadores modernos (Barret, 1996, p. 172). Mas, independentemente da veracidade deste evento, a morte do irmão de Otávia teve repercussões significativas, eliminando o principal concorrente de Nero ao trono imperial. Há indícios de que o imperador Cláudio estava preparando seu filho para ser seu herdeiro (Suet., *Claud.*, 43). No entanto, seu potencial como sucessor chamou a atenção de Agripina, mãe ambiciosa, que buscava consolidar seu próprio poder ao manipular as dinâmicas sucessórias (Tac., *Ann.*, 13, 14-16).

Há diversas passagens na tragédia *Octavia* que remetem aos sentimentos da imperatriz e às consequências atreladas ao fim da vida de Britânico para compor o retrato da protagonista. Essas passagens refletem as questões associadas ao paradoxo que aludimos. Ao mesmo tempo que existe uma Otávia assertiva e dissimulada diante da sua capacidade de esconder suas afeições (Tac., *Ann.*, 13, 16), há também uma Otávia fragilizada frente a tantos sofrimentos (*Oct.*, 46-47). Esta última faz parte de uma atmosfera ambientada na invisibilidade, nas sombras da casa reinante apenas em companhia de uma ama, que a escuta e aconselha.

OTÁVIA

[...] A mim o temor impede de lamentar meus pais, / arrebatados por cruel sorte, / e me proíbe de prantear a morte do irmão, / no qual estava minha única esperança, / a efêmera consolação de tantos males! / Preservada até agora para os meus sofrimentos, / permaneço como a sombra de um grande nome (*Oct.*, 65-71).

Nestes versos, Otávia expressa sua incapacidade de reclamar abertamente as perdas de seus pais e de seu irmão devido ao temor que a assombra. A referência ao

irmão destaca a importância que ele tinha em sua vida e como sua morte representa uma perda devastadora. Cada reação negativa de Otávia produzia uma resposta de Nero (e vice-versa): ódio por ódio. Otávia percebe que se tornou uma figura residual, uma sombra, em comparação com o prestígio e a grandiosidade associados ao nome de sua família. Como o poder de Otávia advém de sua condição familiar, a eliminação física de seus parentes não lhe retira de todos os laços com eles. Ela segue sendo filha de Messalina, de Cláudio, irmã de Britânico.

A invisibilidade de Otávia é multifacetada. Primeiramente, há uma invisibilidade emocional, restringida pelo medo de expressar seu luto. Tal cenário também está relacionado à assertividade de Otávia em mascarar seus sentimentos e não demonstrar vulnerabilidade. A alusão à sombra de um “grande nome” indica sua invisibilidade social e política, eclipsada pelos eventos trágicos que afetam sua família. Essa invisibilidade não é apenas literal, mas também simbólica, destacando seu estado de subjugação diante das circunstâncias adversas. Ainda assim, paradoxalmente, não é uma sombra qualquer, mas de um grande nome, uma sombra que é ameaçadora

O conturbado divórcio entre Nero e Otávia, revelou-se como um ponto crucial na dinâmica política da época, para além do drama pessoal. A forte reação de repúdio contra Nero e em defesa de Otávia não condiz com a narrativa de sua personagem como uma mulher fraca e passiva. Como veremos, os eventos que cercam o divórcio evidenciam que Otávia estava longe de ser uma mulher desarmada e solitária.

Nero se apaixona por Popeia e decide ter uma relação permanente com ela. Para isso, envia Oto, marido dela e seu amigo, para longe de Roma como governador da Lusitânia. Popeia enfrentava a oposição de Agripina e ela instiga seu amante a matar a própria mãe (Tac., *Ann.*, 14, 1). Afastado o marido e eliminada a maior protetora de Otávia, Nero busca o divórcio. Primeiro, acusa sua esposa de infertilidade e depois de algum tempo (demora que reforça que repudiar Otávia não foi algo simples e sem perigos) se casa com Popeia (Tac., *Ann.*, 14, 60). Popeia acha que era pouco afastar a rival e decide provocar Nero para que a incriminasse como adúltera.¹⁰ Para isso, arranjam um falso acusador, mas ele não recebe muito crédito. Então, os escravos domésticos de Otávia são

¹⁰ Griffin (2001, p. 98-99) não considera esse primeiro divórcio válido: «É novamente o vínculo vital com Cláudio que explica o atraso de Nero em divorciar-se de Otávia, filha de Cláudio, embora ela fosse tanto inconveniente quanto estéril. Nero matou sua mãe para se casar com a bela Popeia, que havia demonstrado sua fertilidade em seu primeiro casamento. No entanto, não foi até mais de três anos que o divórcio de Otávia e o novo casamento de Nero finalmente ocorreram. Embora a morte de Agripina tenha permitido que ele desfrutasse de seu relacionamento com Popeia, não removeu o verdadeiro obstáculo para o divórcio.” Rudich (1993, p. 67) lembra outro aspecto relacionado ao divórcio: a existência da irmã ainda casada de Otávia, Antônia. “No caso do divórcio de Nero, Fausto Cornélio Sula, casado com Antônia, filha de Cláudio, ainda permaneceria genro do imperador deificado, enquanto Nero, sem Otávia como sua esposa, não seria.”

torturados para revelarem algo que comprometesse sua senhora, mas sem sucesso. Seus escravos, mesmo submetidos a torturas, preservaram Otávia. (Tac., *Ann.*, 14, 60-3).

No entanto, Otávia foi retirada da casa imperial diante da consumação do divórcio e recebeu a casa de Burro e as propriedades de Plauto como forma de “compensação” (Tac., *Ann.*, 14, 60-4; Boatwright, 2021, p. 30). Mais tarde, a imperatriz foi exilada para a Campânia e essa punição injusta gerou uma grande revolta popular (Tac., *Ann.*, 14, 60-5). A seguir, corre um boato de que Nero teria voltado atrás em sua decisão. Isso faz com que a multidão destrua imagens de Popeia e leve as estátuas de Otávia decoradas com flores pelas ruas, colocando-as no fórum e nos templos. Quando a multidão entra na casa de Nero, os soldados repelem o povo e restauram as imagens aos seus lugares. Na tragédia, contudo, Otávia sofre só em casa com a ama, seu único apoio.

OTÁVIA

[...] Eu não serei mais obrigada a contemplar / o rosto de meu esposo cruel
nem a entrar no odioso quarto nupcial / de uma subalterna. / Serei irmã do
Augusto e não sua mulher. / Que se afastem, somente, os tristes sofrimentos / e
o medo da morte (*Oct.*, 654-660).

Nessa passagem, Otávia expressa sua aversão ao rosto de Nero e evidencia o desejo da imperatriz em se divorciar de seu esposo cruel. Otávia se refere a Nero como Augusto, portanto o divórcio configura uma mudança em sua posição com relação ao imperador. Ela passa a ser somente sua irmã e não sua mulher. Além disso, embora inicialmente Otávia expresse medo da morte, ela adota uma resolução mais trágica nos atos posteriores, alinhando-se a heroínas trágicas, como Cassandra e Antígona (Boyle, 2016, p. 303).

CORO I

Eis que clareia o dia, anunciado tantas vezes, / por murmurações frequentemente
suspeitas. / Foi-se embora a filha de Cláudio, expulsa do quarto / nupcial do sinistro
Nero, que, vitoriosa, / Popeia agora ocupa, enquanto nossa afeição permanece
/ inativa, bem como, oprimida pelo grande medo, / nossa dor indolente. [...] Eis
que, por toda parte, desagradável / a nossos olhos, brilha agora a imagem de
Popeia, / unida a Nero. / Que nossas mãos violentas derrubem por terra / os
rostos tão semelhantes ao da senhora / e, quanto a ela, que a arranquem do leito
altivo / e, em seguida, que ameacem o palácio do príncipe / cruel, com chamas
malfazejas e com dardos (*Oct.*, 669-675; 683-690).

O trecho revela a insatisfação e angústia do povo em relação aos eventos recentes, particularmente a ascensão de Popeia ao leito nupcial de Nero, após a expulsão da filha de Cláudio. A ameaça de retirar Popeia e de atacar o palácio do príncipe cruel com chamas e dardos demonstra a intensidade do descontentamento e ao mesmo tempo remete a uma tópica literária conhecida, especialmente na tragédia, da vingança terrível e marcada

pela *hybris* por parte de esposas desprezadas, como já referimos antes. Mas Otávia não atua, apenas assiste.

NERO

Para que não fosse invencível / mas para que lhe dobrasse as forças doentias o medo / ou o castigo que, já tardio, esmagará a condenada, / culpada há muito tempo. Deixa de lado os conselhos / e súplicas e cumpre minhas ordens. Levada para longe / num navio, que ela seja morta numa praia distante / a fim de que se acalme esse tumulto de meu coração (*Oct.*, 870-876).

Neste trecho, Nero emite ordens para matar Otávia, pondo fim à ameaça que sua existência, por si mesma, representava, ainda que ela nada fizesse (ou exatamente porque nada fizesse e, assim, merecesse admiração e apoio). As outras fontes distinguem a decisão de exílio de Otávia da decisão posterior de executá-la (*Tac., Ann.*, 14, 60-4; 63-4; *Suet., Ner.*, 35, 2). Já o drama de argumento histórico opta por unir essas decisões (Boyle, 2016, p. 271).

OTÁVIA

Para onde me levais? Que exílio / o tirano e a rainha me impõem / se é que, abrandada, ela me poupa a vida / tocada por tantas desventuras minhas? / Se, ao contrário, se apronta para coroar / com a morte meu longo sofrimento, por que / me impede, cruel, de morrer em minha pátria? / Mas já não existe nenhuma esperança / de salvação; vejo, infeliz, o barco de meu irmão (*Oct.*, 899-907).

As perguntas retóricas sublinham a falta de clareza, enquanto a expressão do desejo de morrer na pátria destaca a importância emocional e política do local de origem. A cena em que Otávia é escoltada por soldados romanos faz referência à procissão triunfal romana, invertendo o contexto tradicional onde os prisioneiros eram exibidos como troféus de vitória militar. Essa representação era comum nas peças teatrais *praetextae*. No entanto, os prisioneiros geralmente representavam inimigos de Roma. Nesta tragédia, Otávia, que outrora foi imperatriz romana, agora é apresentada como prisioneira, presa de uma guerra doméstica (Boyle, 2016, p. 278).

A cabeça de Otávia foi decepada e levada a Roma para que Popeia a recebesse. Tácito mostra sua indignação, pois além de não ter havido ninguém que se levantasse contra isso, foram dados votos de ação de graças e, com isso, o Senado afastava qualquer punição ao imperador por seus crimes (*Tac., Ann.*, 14, 64). O registro historiográfico é breve, comparado com o trágico, mas reflete uma compreensão semelhante de um desfecho que era indesejado.

A virtude indesejada e a produção dos retratos de Otávia na história romana

Há diferenças importantes entre os relatos. Se, na tragédia, o drama dá ênfase, como destacamos, à tópica da mulher abandonada e sua vingança terrível – que, no caso de Otávia, se mantém como potência – e a *hybris* que se efetiva, que é a do marido.

Tácito apresenta a acusação de Popeia contra sua rival, indicando que ela veria a manifestação contra o divórcio como muito limitada, fruto da clientela e escravaria de Otávia que se apropriaram do nome de plebe (Tac., *Ann.*, 14, 61).¹¹ Como vimos, Agripina foi uma aliada que poderia ter saído em defesa de Otávia e produzido aquela reação. Mas ela já havia sido assassinada e é difícil acreditar que seus dependentes, que teriam sobrevivido a ela na casa imperial, seguiram articulados e prontos a defender Otávia.¹² É verdade que o epitomador de Dião Cássio registrou a oposição de Burro, aliado de Agripina, ao divórcio:

Em Roma, Nero primeiro se divorciou de Otávia Augusta, por conta de sua concubina Sabina, e depois ele a matou. Ele fez isso apesar da oposição de Burrus, que se esforçou para impedi-lo de se divorciar, e uma vez disse a ele: “Bem, então, devolva-lhe seu dote”, com o que ele quis dizer a soberania (Dio, 62, 13, 1).

É possível, contudo, que a oposição de Burro seja um acréscimo feito por Dião Cássio, ou mesmo pelo epitomador bizantino. Avaliamos que essa hipótese seja forte, pois nenhuma fonte anterior menciona essa oposição de Burro. Some-se a isso que a passagem é um claro eco de narrativas posteriores, como esse episódio da vida de Marco Aurélio, na *Historia Augusta* (19, 8-9):

Quando Marco Antonino foi informado sobre isso [i.e. a infidelidade de Faustina], que ele poderia se divorciar, se não a matar, ele teria dito: “Se mandarmos nossa esposa embora, devemos também devolver o dote dela. E qual foi o dote dela? O Império, pois, depois que ele foi adotado a pedido de Adriano, ele o herdou de seu sogro Pio.

Tácito (*Ann.*, 14, 59) também deixa clara essa ligação entre Agripina e Otávia, sem, contudo, mencionar Burro. Tácito destacava que Otávia contava com grande popularidade que lhe era própria:

¹¹ Cf. Tac., *Ann.*, 14, 61, 2. Griffin (2001, p. 112) acredita que a demonstração não foi tão forte ou espontânea porque: “Eventos subsequentes mostraram que esse caso de repressão não comprometeu seriamente a popularidade do imperador. Pode até ter sido verdade que a manifestação não foi totalmente espontânea: Doryphorus, a *libellis* de Nero, foi executado logo depois como opositor ao casamento de Popeia e pode ter ajudado a organizar o descontentamento.” Ferri (2003, p. 4) identifica uma facção claudiana por trás da multidão que realmente poderia representar perigo para Nero: “a manifestação a favor de Otávia foi muito mais ameaçadora do que sugerem nossas fontes e, de fato, havia motivos para Nero temer uma insurreição geral, arquitetada pela facção claudiana”.

¹² Na visão de Bauman (1992, p. 210), “a oposição ao divórcio de Otávia de maneira alguma se limitou à Agripina. Por razões diferentes, quase todos nos corredores do poder eram contra.”.

Deixando de lado suas ansiedades, ele [Nero] se preparou para casar logo com Popéia – ação adiada por esses terrores [o assassinato de Agripina] – para remover sua esposa Otávia; que, por mais modesto que fosse seu comportamento, era intolerável como a filha de seu pai e a favorita do povo.

A reação da população diminui a verossimilhança do retrato de uma Otávia totalmente retirada da vida pública. O mesmo pode ser dito para o controle bastante estrito que Otávia exerceu sobre o pessoal de sua casa. Mesmo torturados, como vimos, não se obteve nenhuma confissão contra ela. A popularidade de Otávia e as sólidas conexões em sua casa mostram que ela não era tão frágil como apresenta parte das fontes.¹³ Não foi fácil e muito menos foi sem riscos que se produziu a sua eliminação.¹⁴ Desse modo, a tragédia traz seguramente a tópica da reação possível de uma esposa como *hybris*, mas remete também a eventos históricos e a uma preocupação com a desestabilização que poderia ocorrer na casa imperial com a eliminação de Otávia.

Isso permite levantar a hipótese de que o retrato que as fontes compuseram de Otávia foi criado para contrastá-lo com o de outras mulheres da casa imperial e na tradição literária. Esse retrato de Otávia como vítima passiva poderia ter começado a ser criado com a tragédia que leva seu nome e que foi escrita, provavelmente, no início da dinastia Flávia e teria se consolidado com os Antoninos. Otávia foi apresentada como um modelo oposto a mulheres como Agripina e Popeia, que eram fortes e usavam a sedução para fins políticos.

Otávia seria virtuosa, mas também um modelo a ser evitado, como Agripina, Popeia ou Messalina. Seria fraca demais em contraposição às demais que seriam fortes demais. Todas elas seriam modelos negativos frente a modelos positivos, dentre os quais se destaca Livia Augusta, última esposa do fundador do Principado e que exerce, ela também, um papel fundacional no que respeita ao papel das mulheres na casa imperial, mesmo cumprindo papéis diferentes em seus retratos como Livia-esposa e Livia-mãe.

Esse contraste entre uma mulher que é virtuosa e uma casa que não se apresenta como espaço próprio para o exercício de virtudes evidencia um desajuste que leva a um paradoxo: a perfeita virtude é indesejada por ser imoderada. Otávia era virtuosa demais para ser a esposa ideal do imperador. Usando a expressão que Tácito (*Historiae*, 1, 49) empregou para Galba, "*omnium consensu capax imperii, nisi imperasset*", diríamos que ela era *capax dominae, nisi nubsisset Nerone*. Poderia ter sido vista como ideal e digna só de

¹³ Ela tinha apoiadores até mesmo entre os libertos de Nero, cf. Tac., *Ann.*, 14, 65, 1.

¹⁴ Tácito atesta o vínculo duradouro entre Agripina e Otávia, bem como o forte apoio que mantêm mesmo após serem assassinadas, em um relato muito interessante de um episódio da conspiração pisoniana. O soldado Súbrio Flávio foi questionado sobre o motivo de aderir à conspiração, e parte de sua resposta é: "Comecei a te odiar quando você se transformou no assassino de sua mãe e esposa" (Tac., *Ann.*, 15, 67, 4): *Odisse coepi, postquam parricida matris et uxoris*.

elogios, se não tivesse sido esposa de Nero. E aqui destacamos a importância de tomar as representações que encontramos nas fontes como retratos. Ou seja, não se trata de observar apenas a personagem, no caso Otávia, mas ela em suas relações: Otávia esposa de Nero, irmã de Nero, irmã de Britânico, filha de Cláudio, filha de Messalina, nora de Agripina, além das várias composições possíveis a partir desses binômios e, ainda mais, em seu conjunto como parte da casa imperial.

Conclusão

Assim, o exame das qualidades e vícios na casa imperial deve considerar os indivíduos como parte de um todo maior, a *domus Caesaris*. Suas características são compreendidas pelas interações e contribuições para a construção de uma entidade coletiva e supraindividual por excelência, que é a *domus*. O papel das pessoas na casa imperial é melhor entendido como parte de coletividades, que só fazem sentido no interior dessas coletividades. As virtudes e vícios não são modelos prescritivos, mas repertórios a serem utilizados decorosamente em situações diversas. Desse modo, podemos ter algo que é vicioso em determinado contexto, como dissimular, sendo tomado como virtude em um contexto que exija tal postura para manter a estabilidade da casa, como vimos no caso de Otávia frente ao assassinato de seu irmão. Portanto, Otávia não foi descrita pelas fontes, mas foi composta como um retrato, contrastando com outras mulheres e com a casa em que viveu e morreu.

Em síntese, a investigação sobre a figura paradoxal de Otávia nas fontes romanas revela uma dicotomia complexa, na qual a sua representação como esposa ideal por conta de sua fragilidade, passividade e invisibilidade coexiste com a falta de influência política em seu papel na casa imperial. Este artigo sustenta a hipótese de que Otávia não foi apenas descrita, mas composta como um retrato, cuja função principal era contrastar com outras mulheres da casa imperial e, particularmente, com Nero.

A análise das virtudes e vícios atribuídos a Otávia ressalta a importância de considerar as pessoas da casa imperial como partes de um todo, a *domus*, e não apenas como indivíduos isolados. Este estudo permite compreender que esses mecanismos morais funcionam como elementos moldáveis, empregados de forma decorosa em diferentes contextos. Esse processo de construção de imagem, deliberado e estratégico, revela a natureza dinâmica e multifacetada da representação histórica. Além disso, ao avaliar as fontes que descrevem Otávia como uma mulher frágil e passiva, é fundamental reconhecer os preconceitos de gênero na construção dessas narrativas

Desse modo, a figura paradoxal de Otávia não apenas desafia as convenções sociais, mas também destaca a necessidade contínua de revisitar e reexaminar as narrativas históricas, buscando uma compreensão mais profunda das mulheres na Roma Antiga e das fontes que moldaram suas representações ao longo do tempo, fazendo a crítica das visões modernas e seus próprios preconceitos atuando sobre esse conjunto, bem como a crítica da tradição produzida a partir dele.

Referências

Documentação textual

- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.
- DIÃO CÁSSIO. *Roman History*. Translated by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1925.
- PSEUDO-SÊNECA. *Octávia*. Tradução, introdução e notas de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Madamu, 2021.
- SUETÔNIO. *A vida dos Doze Césares*. Tradução de Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Germape, 2003.
- TÁCITO. *Annales*. Translated by A. J. Woodman. Indianapolis: Hackett Publishing, 2004.
- TÁCITO. *Historias: libros III-V*. Traducción de Antonio Ramírez de Verger. Madrid: Gredos, 2013.

Documentação numismática

- ROMAN Provincial Coinage Online. Código: RPC III. Disponível em: <https://rpc.ashmus.ox.ac.uk/>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- ROMAN Imperial Coinage Online. Código: RIC II. Disponível em: <https://numismatics.org/ocre/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

Obras de apoio

- AZEVEDO. S. F. L. *História, retórica e mulheres no Império Romano: um estudo sobre as personagens femininas e a construção da imagem de Nero na narrativa de Tácito*. Ouro Preto: Editora UFOP, 2012.

- AZEVEDO, S. F. L. *O adultério, a política imperial e as relações de gênero em Roma*. 2017. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BARRET, A. A. *Agrippina, mother of Nero*. London: Routledge, 1996.
- BARRET, A. A.; FANTHAM, E.; YARDLEY, C. J. (ed.). *The Emperor Nero: a guide to the ancient sources*. New Jersey: Princeton University Press, 2016.
- BAUMAN, R. A. *Women and politics in Ancient Rome*. London: Routledge, 1992.
- BEARD, M. *Mulheres e poder*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
- BOYLE, A. J. *Octavia: attributed to Seneca*. New York: Oxford University Press, 2016.
- CHAMPLIN, E. *Nero*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- CHARLES, M. B.; ANAGOSTOU-LAOUTIDES, E. Unmanning an emperor: Otho in the literary tradition. *The Classical Journal*, n. 109, v. 2, p. 199-222, 2014.
- COELHO, A. L. S. Os retratos de um imperador: contribuições ao debate historiográfico sobre Nero e seu Principado. *Romanitas*, n. 13, p. 143-158, 2019.
- CUCHET, V. S. *Épilogue. Pour une histoire mixte. Dialogues d'Histoire Ancienne, Suppl.* 18, p. 297-307, 2019.
- FAVERSANI, F. *Ékphrasis e as fronteiras da descrição em Tácito*. *Letras Clássicas*, n. 19, v. 1, p. 43-53, 2015.
- FAVERSANI, F. Tirano, louco e incendiário: Bolsonaro. Análise da constituição da assimilação entre o Presidente da República do Brasil e o Imperador Romano como *allelopoiesis*. *Ouro Preto*, v.13, p. 375-395, 2020.
- FAVERSANI, F.; AZEVEDO, S. F. L. Interações pessoais e valores morais em Tácito: um estudo de algumas personagens femininas. In: CANDIDO, M. R. (ed.). *Mulheres na Antiguidade*. Rio de Janeiro: NEA, 2012, p. 123-137.
- FAVERSANI, F.; JOLY, F. Alexandre em Quinto Cúrcio e o principado romano: um estudo de *allelopoiesis*. *Phoênix*, n. 27, v. 2, p. 97-110, 2021.
- FERRI, R. *Octavia. A play attributed to Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- GOZO, F. V. *A Otávia do Pseudo-Sêneca: tradução, estudo introdutório e Notas*. 2016; Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GRIFFIN, M. T. *Nero: the end of a dynasty*. London: Routledge, 2001.
- GROAG, E.; STEIN, A.; PETERSEN, L. *Prosopographia Imperii Romani saeculi I, II et III*, Berlin-Leipzig, 1933.
- JOLY, F. D. A escravidão no centro do poder: observações acerca da *familia Caesaris*. *Fênix*, v. 4, n. 1, p. 1-11, 2007.

- JOLY, F. D. Estoicismo e escravidão no pensamento de Sêneca. *Phoînix*, n. 13, p. 98-114, 2007.
- JOLY, F. D. *Tácito e a metáfora da escravidão*. São Paulo: Edusp, 2004.
- KLEINER, D. E. E.; MATHESON, S. Introduction. In: KLEINER, D. E. E.; MATHESON, S. (ed.). *I Claudia, Women in Ancient Rome*. New Haven: Yale University Press, 1996.
- KRAGELUND, P. *Roman historical drama: the Octavia in Antiquity and beyond*. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- LANGLANDS, R. *Exemplary ethics in Ancient Rome*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- LANGLANDS, R. Roman *exempla* and situation ethics: Valerius Maximus and Cicero *De Officiis*. *The Journal of Roman Studies*, v. 101, p. 86-122, 2011.
- MORDINE, M. J. The imperial household in the age of Nero. In: BUCKLEY, E.; DINTER, M. T. (ed.). *A Companion to the Neronian Age*. Chichester: Blackwell Publishing, 2013, p. 102-117.
- ROSE, C. B. *Dynastic commemoration and imperial portraiture in the Julio-Claudian Period*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- RUDICH, V. *Political dissidence under Nero, the price of dissimulation*. London: Routledge, 1993.
- SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*, 1989.
- TREGGIARI, S. Woman in the Roman society. In: KLEINER, D. E. E.; MATHESON, S. B. (ed.). *I Claudia Women in Ancient Rome*. New Haven: Yale University Press, 1996, p. 116-125.
- WOODHULL, M. L. Matronly patrons in the Early Roman Empire. In: MCHARDY, F.; MARSHALL, E. (ed.). *Women's influence on Classical Civilization*. London: Routledge, 2004.